# BOLETIM INFORMATIVO
## INSTITUTO BRASILEIRO DE PECANICULTURA



NESTA EDIÇÃO

## A FÚRIA DO CLIMA

# EDITORIAL E EXPEDIENTE

## CONSELHO DIRETOR E CONSELHO FISCAL IBPECAN - 2023/2024

Presidente: Eduardo Basso
Vice-presidente: Karion Sandrei Minussi
Secretário: André Cassol Lopes
Secretário Suplente: André Cassol Lopes Filho
Tesoureiro: Eduardo Mendes Klumb
Tesoureiro Suplente: André Bento Monticelli
Relações Públicas: Carlos Eduardo Scheibe
Primeiro Conselheiro Fiscal: Arlindo Marostica
Segundo Conselheiro Fiscal: Eduardo Dicklhuber Baumhardt
Terceiro Conselheiro Fiscal: Jodimar Luís Zaffari
Primeiro Conselheiro Fiscal Suplente: Leandro da Silveira Souza
Segundo Conselheiro Fiscal Suplente: Luiz Antonio Fioravanso
Terceiro Conselheiro Fiscal Suplente: Eudes Romano Marchetti

## EQUIPE DE COORDENAÇÃO

Coordenador Técnico: Demian Segatto da Costa
Coordenador Inovação: Eduardo Mendes Klumb
Coordenador Comercial: Flávio Herter
Representações Regionais: Lailor Garcia
Coordenação Minor Crops: Danielle Galvan
Turismo: Maria Tereza de Carli
Novos Mercados: Daniel Basso

## PECANICULTORES CONTABILIZAM PERDAS NOS POMARES E NA INDÚSTRIA

Logo após dar início, oficialmente, à colheita da noz-pecã no Rio Grande do Sul os produtores se viram em meio a um dos mais severos desastres climáticos já ocorridos em solo gaúcho. Nas diversas cidades por onde a pecanicultura se desenvolve, diferentes danos estão sendo contabilizados pelo Instituto Brasileiro de Pecanicultura (IBPecan), que congrega mais de 100 associados em dois terços da área cultivada e 90% das indústrias de processamento da fruta.

Conforme o presidente do IBPecan, Eduardo Basso, a área plantada de nozes-pecã no Brasil é da ordem de 10 mil hectares, sendo que 70% é em território gaúcho. A produção está distribuída em 215 municípios, somando 1,5 mil famílias dedicadas à produção, com grande concentração de pequenos e médios produtores, notadamente nos Vales dos rios Taquari e Rio Pardo, duas das principais regiões afetadas pelas cheias. A colheita envolve mais de 1.000 pessoas, que sofrem com a interrupção na atividade. “A partir da base de informação, podemos afirmar que 81% dos pomares (175) tiveram reconhecidos seus estados de Calamidade (45) ou Emergência (130). Eles representam 89% da área total cultivada com nogueiras e 85% do total de produtores”, afirma o presidente.

Com objetivo de quantificação das perdas, foi realizada pelo Instituto pesquisa entre seus associados. O resultado espelha uma perda econômica expressiva em toda a cadeia, seja na produção propriamente dita, seja na parte estrutural dos pomares, seja nos próprios ativos patrimoniais, seja nos processos de beneficiamento e comercialização. “Além da perda de 80% da produção da safra de 2024, no caminho da destruição encontramos casas, galpões, estradas, infraestrutura de irrigação e áreas de produção ainda a serem colhidas. Os produtores retratam a dura realidade: “não vale a pena colher”, “rompimento de barragem e casa das bombas”, “qualidade baixa das nozes”, “início da germinação dentro da casca”, “queda dos frutos prontos e perdas pelas enxurradas”, “depois das perdas com o excesso de chuvas na polinização, agora vem a chuvarada”. São fotografias da tragédia, lamenta Eduardo Basso.

As indústrias também apresentaram suas perdas ao IBPecan com custos adicionais pela interrupção das atividades. Também foram impactadas pela variabilidade na qualidade do produto recebido dos produtores, o que onera os custos de beneficiamento. Somam-se dificuldades logísticas acentuadas pelas perdas de pontes e estradas, com riscos à interrupção nos contratos com clientes nacionais e internacionais. Mas, o presidente do Instituto alerta que, como se trata de um levantamento preliminar, estima-se que este impacto será de fato bem maior. “À medida em que os prejuízos forem sendo consolidados, há também os intangíveis, como os danos à auto-estima do produtor e a sua motivação para continuar a produzir alimentos de qualidade”, destaca.


## PUBLICAÇÃO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE PECANICULTURA

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO
AGROEFFECTIVE - WWW.AGROEFFECTIVE.COM.BR

JORNALISTAS RESPONSÁVEIS
REJANE COSTA (MTB 00.807/81)
NESTOR TIPA JÚNIOR (MTB 9836)

REDAÇÃO
IEDA RISCO, ARTUR CHAGAS, LARISSA MAMOUNA, ANDRÉIA ODRIOZOLA, LEONARDO SILVA

AVENIDA PRESIDENTE FRANKLIN ROOSEVELT, 1.264, LOJA 36. PORTO ALEGRE (RS)
CONTATOS: CONTATO@IBPECAN.ORG WWW.IBPECAN.ORG
FONES: (51) 3103-5299 | (51) 99829-1140

ACOMPANHE NOSSAS REDES SOCIAIS

@IBPECAN
/IBPECAN

# IBPECAN PEDE MAIS DE R$ 260 MILHÕES EM AJUDA PARA PECANICULTURA GAÚCHA

*Documento com os pleitos foi enviado aos governos estadual e federal*

Após levantamento feito com pecanicultores atingidos pelas fortes chuvas e enxurradas apresentar uma perda na safra de 80%, o Instituto Brasileiro de Pecanicultura (IBPecan) encaminhou documento com relatos dos prejuízos e, principalmente, solicitações aos governos Estadual e Federal. O objetivo é demonstrar a situação das propriedades e indústrias e garantir apoio para que o produtor tenha como se recuperar das perdas e se preparar para a safra seguinte. O documento foi enviado ao governador Eduardo Leite e ao vice-presidente da República, Geraldo Alckmin.

Conforme o presidente da entidade, Eduardo Basso, a safra de 2024, já afetada pelos três anos de secas e também pelo excesso de chuvas no período da polinização e poucas horas de frio no inverno passado, chegaria, no máximo, a 5 mil toneladas. “Agora, com as últimas enchentes, o IBPecan adotou como número geral uma perda média de 80% da colheita em relação ao ano passado. Vamos colher apenas 20%, ou seja, em 2023 tivemos uma produção de cerca de 4,5 mil toneladas e este ano a colheita no Rio Grande do Sul ficará entre mil e 1,5 mil toneladas", estima o presidente. Ele também conta que no documento enviado aos gestores foi quantificado o valor das perdas.

O documento divide as necessidades dos






pecanicultores em quatro diferentes pleitos e tem um valor total de solicitações superior a R$ 260 milhões. O primeiro pleito é o da criação de uma linha de financiamento para reconstrução dos pomares. São pouco mais de R$ 112 milhões, frente a um investimento estimado de R$ 1,2 bi (levando em consideração o tempo médio de sete anos para maturação de uma pomar).

O segundo, voltado à qualificação dos produtores, profissionais e de boas práticas, prevê a criação de um fundo para que Embrapa, Emater e Universidades possam orientar e qualificar os produtores nessa fase de reconstrução. O valor total estimado é de R$ 50 milhões, sendo R$ 20 mi para uso imediato e o restante para médio prazo.

Também para ações de curto prazo, o terceiro pleito do IBPecan é o da criação de uma linha de financiamento para reconstrução do capital de trabalho. O valor pedido é de mais de R$ 65 milhões, com cinco anos de prazo de amortização. Voltado ao capital de trabalho da indústria, o pleito 4 prevê linhas de financiamento para uso imediato da indústria na recomposição do capital de trabalho, além da prorrogação do vencimento das linhas de custeio e de amortização dos investimentos que vencem em 2024.

Antes de encaminhar aos governantes os pleitos da categoria, o IBPecan mostrou os dados em reunião extraordinária da Câmara Setorial da Noz-Pecã, realizada nesta quarta-feira, 29 de maio. Ao final, Eduardo Basso fez uma observação de que a indústria tem a alternativa, neste momento, de buscar produtos em outros países. “E isso é riqueza que, em vez de ficar dentro da nossa cadeia de produção, vai para outro lugar. Quero chamar a atenção das nossas autoridades para que não se perca a esperança dos produtores brasileiros. Vamos fazer esse pessoal acreditar. Vamos dar os recursos, porque, caso contrário, nós vamos mandar esses recursos para fora do país”, alertou o dirigente. Também participaram da reunião da Câmara Setorial, representantes da Emater, da Embrapa, da Secretaria Estadual da Fazenda e dos bancos Banrisul, Sicredi e BNDES.



# PRESIDENTE DO IBPECAN PEDE QUE BANCOS AUXILIEM NA RECUPERAÇÃO DO SETOR APÓS ENCHENTES NO ESTADO

*Live com representantes financeiros discutiu prorrogação e recursos emergenciais aos produtores*

A quarta live do programa Segredos da Pecan, iniciativa do Instituto Brasileiro de Pecanicultura (IBPecan), abordou nesta terça-feira, 11 de junho, o tema “Linhas de Crédito para a Pecanicultura”. O programa foi transmitido pelo canal da entidade, no YouTube. A iniciativa do Segredos da Pecan é levar aos sócios e interessados informações relevantes para a cadeia da pecanicultura.

Participaram da live o gerente Regional de Negócios BRDE Norte RS, Alexandre Barros, a gerente de Agronegócios do Banrisul, Graciela Moura Hitz, o gerente Executivo da Unidade de Agronegócios Banrisul, Anderson Martins, e a gerente de Mercado do Banco do Brasil , Patrícia Comerlato. O mediador foi o advogado e produtor Marcelo Bento Monticelli.

Na abertura da live, o presidente do IBPecan, Eduardo Basso, referiu o momento delicado e importante para o setor e o motivo de estarem reunidos. “Estamos buscando soluções para os danos causados pela tragédia climática que atingiu todo o setor da pecanicultura no Rio Grande do Sul”, enfatizou. Basso afirmou que o clima dá sinais claros de que não suporta os exageros impostos pela população mundial. “Temos que trocar um pouco a teoria do livre mercado pela prática da sustentabilidade”, convocou.




O presidente do IBPecan lembrou que a natureza tem o seu ciclo e que “nós como brasileiros temos a obrigação de alimentar a população de todo o mundo”. “Há duas semanas e meia vivíamos um momento dramático. Pedimos aos nossos técnicos e associados que informassem exatamente o tamanho dos danos. O IBPecan procurou construir uma avaliação dos prejuízos”, recordou.

Segundo Basso, construir um hectare de Pecan custa mais de R$ 85 mil, sendo que, com irrigação, a conta pula para até R$ 130 mil, e o pomar leva oito anos até se tornar produtivo. “Em 7 mil hectares no Rio Grande do Sul nós imaginamos um investimento perto de R$ 900 milhões que já foi feito em pecan. Estimamos que de 10% a 15% da parte estrutural foi danificada ou algo em torno de R$ 112 milhões. E, segundo a Emater, em torno de 540 produtores de pecan foram atingidos. Em capital de trabalho, o prejuízo também foi significativo, em torno de R$ 65 milhões, porque 80% da área foi atingida”, contabilizou. No ano passado, Basso recordou que foram colhidas 7 mil toneladas de pecan. A estimativa para este ano era em torno de 4 mil toneladas. Porém com seca, excesso de chuva e a enchente, a expectativa agora é colher duas mil toneladas.

Outra preocupação referida por Basso foi a ociosidade da indústria, estimada em R$ 34 milhões. “Significa que a indústria precisará de financiamento para pagar suas contas e buscar fornecedores de fora do Brasil. E todo esse investimento precisará ter uma orientação bem clara com recursos da Embrapa, Emater e das universidades para que possamos trazer tecnologia de ponta para a reconstrução. Neste sentido, a estimativa é de R$ 260 milhões para recuperação da pecanicultura do estado”, enfatizou, pedindo que os representantes dos bancos reunidos na live levem os cálculos às suas respectivas diretorias.

O mediador Marcelo Bento Monticelli iniciou a live perguntando diretamente aos convidados se haverá mais recursos, mais prazos, maior carência e juros menores nos financiamentos.

O gerente Regional negociações. de Negócios BRDE Norte RS, Alexandre Barros, afirmou que, sim, que podem contar com o BRDE neste sentido. No entanto, Barros ressaltou que os produtores precisarão se enquadrar nas situações previstas. “O BRDE atua basicamente em três frentes: prorrogações, recursos emergenciais e normais para investimentos. O BRDE analisará caso a caso, para buscar uma solução adequada”, orientou. Barros aconselhou que os pequenos e médios produtores acessem suas cooperativas ou instituições de crédito no sentido de agilizar as negociações.

A gerente de Mercado do Banco do Brasil, Patrícia Comerlato, também colocou a instituição à disposição dos produtores. Patrícia ressaltou que o banco vem trabalhando em todo o estado na prorrogação das operações de custeio e crédito para 15 de agosto. “O Banco do Brasil já prorrogou mais de R$ 2,5 bilhões na época da estiagem no Rio Grande do Sul, no ano passado”, lembrou. De acordo com Patrícia, só para empresas já foram liberados R$ 600 milhões no estado.

Na mesma linha, a gerente de Agronegócios do Banrisul, Graciela Moura Hitz, revelou que já foram prorrogadas até 15 de agosto operações de custeio e investimentos. “É fundamental que o produtor rural, ao procurar o Banrisul, detalhe tudo o que precisa, ou para um novo investimento ou para a solução de um problema mais pontual relativo à produção a fim de que possamos encaminhá-lo para a linha adequada”, orientou. Graciele lembrou que, se o produtor tiver dificuldade de comercialização, ele também poderá solicitar prorrogação da sua linha de financiamento.

O gerente Executivo da Unidade de Agronegócios do Banrisul, Anderson Martins, reconheceu que nesses momentos de catástrofes fica complexo para um produtor saber o que realmente ele tem à disposição em termos de financiamento ou prorrogação de prazos de pagamento. “É importante contabilizar com exatidão as perdas para saber o quanto será necessário para reconstruir o seu negócio”, observou.

Segundo Martins, momentos como esse da live são fundamentais para esclarecer o que já está efetivamente à disposição para reconstrução. “Se por um lado, num momento de catástrofe, esse produtor representa maior risco para crédito porque perdeu tudo, por outro é preciso lembrar que as instituições criaram linhas de crédito especiais justamente para atender quem teve as garantias reduzidas”, ponderou. Portanto, Martins acrescentou que a questão das garantias deverá ser definida sobre bases razoáveis a partir de um diálogo de cada produtor com o seu banco ou cooperativa de crédito.

Por fim, o pecanicultor e sócio do IBPecan, Lailor Garcia, se disse aliviado com o que ouviu na live ao ver, segundo ele, boa vontade por parte das instituições. “Não queremos nada de graça, mas o entendimento e a parceria das instituições nesse momento de dificuldades”, enfatizou. Lailor apostou que o setor passará por essa adversidade com superação. “Pecanicultura é uma cultura do futuro e precisa de ajuda. E nossas árvores que estão produzindo hoje estarão produzindo daqui a muitos anos”, projetou.

**Segredos da Pecan**



## Engenheiro Agrônomo aponta necessidade de correção e cobertura do solo além da secagem das nozes

Com relação às chuvas severas que provocaram tragédias no Rio Grande do Sul, com mais de mil milímetros em algumas regiões e com perdas graves em pomares de noz-pecã, o engenheiro agrônomo Júlio Medeiros ressalta a necessidade de antecipar a colheita. “Após esse período de uma semana chovendo praticamente de forma ininterrupta, a colheita que estava ao redor de 50% acabou paralisando. As variedades de ciclo precoce tiveram a carga caída para o solo. Então, esta situação de uma semana com frutas em contato com o solo, sem dúvida nenhuma, prejudicou bastante a qualidade do produto que não deve ficar exposto à umidade”, destaca. Neste sentido, o especialista ressalta a necessidade, em um primeiro momento, de recolher, o mais rápido possível, a noz que caiu, para em um segundo momento, aqueles que têm equipamentos, retomarem a colheita mecanizada.

Na parte do solo, Medeiros observa que não ocorreram muitos processos erosivos. “No entanto, em áreas com declividade mais acentuada possivelmente será necessário corrigir alguma eventual erosão,” observa. Neste caso, o engenheiro agrônomo orienta para a necessidade de uma cobertura visando a correção desses sulcos que tenham aparecido. Outra medida fundamental, não só quando acontecem esses períodos de chuvas que infelizmente se tornarão cada vez mais frequentes, segundo ele, é manter o solo coberto, tanto com plantas de cobertura de verão, perenes e anuais, quanto com plantas de cobertura de inverno.

Júlio Medeiros destaca ainda a necessária separação das nozes a serem recolhidas do solo, que ficaram comprometidas com a qualidade, daquelas a serem colhidas com o shaker, para que não comprometam também a qualidade do produto a ser colhido das plantas.

O engenheiro agrônomo Júlio Medeiros refere ainda que a maioria dos produtores não têm seguro agrícola. “Aquele que financiou o custeio ainda


METALÚRGICA
TD DORNELES

**Máquinas para Beneficiamento da noz pecan.**

Máquinas para Descascar noz pecan , pequena, média e grande, Exaustores , secadores , classificador , mesa de limpeza ,esteiras automatizadas , elevadores, Dallas transportadora , triturador.
Alem desses maquinários fabricamos linhas pequenas , e grandes automatizadas ..
Para atender a todos os produtores, máquinas com garantia e suporte. técnico.
Nossa empresa presa pela qualidade dos produtos de nossos clientes e com isso hoje já ajudando grande maioria ganhar mercado pela qualidade de produto.
O beneficiamento da noz pecan para obter um ótimo resultado requer dedicação e cuidado em sua colheita,pós colheita, descasque e pós descasque.
Hoje nossas máquinas tens um rendimento de 80% de amêndoa inteiras se realizar o processo se secagem e classificação estiver correto(sem pre aquecimento).

Agradecemos a todo produtores que se dedicam a pecanicultura e trazem produtos de qualidade para nosso mercado e para vida e saúde dos consumidores.

**Venha conhecer nossa empresa**

Endereço: Diamantino carvalho da Fonseca
Cidade: Cachoeira do Sul







**Contato(51)99553-3341**

tem o Proagro para recuperar parte dos custos, mas a grande maioria não tem nenhum tipo de cobertura de seguro agrícola. O que nós temos é um produtor completamente perdido, que não sabe como enfrentar o próximo ano", afirma. Segundo Medeiros, o que ele mais ouve de produtores é "eu não tenho dinheiro para investir, eu não tenho como recuperar o solo, eu não tenho como fazer adubação para corrigir o solo".

Por fim, o engenheiro agrônomo defendeu uma prorrogação dos financiamentos por parte dos bancos com prazos compatíveis com o tamanho dos danos."É necessário haver taxas de juros de fato adequadas para o momento que nós vivemos,uma redução significativa, e isso eu não vi até agora", constata. Júlio Medeiros defendeu recursos subsidiados e a fundo perdido pois, segundo ele, não há outro caminho.






**Produtor de Encruzilhada do Sul calcula 80% de perdas**

O pecanicultor Jodimar Zaffari relata uma situação semelhante a dos demais produtores de noz-pecã em relação às enchentes no Rio Grande do Sul. Ele calcula perdas de produção em torno de 80% na propriedade em Encruzilhada do Sul. "Nosso pomar é um pomar jovem, que tinha uma expectativa de uma produção boa este ano, mas que acabou frustrada devido ao excesso de chuva e a consequente presença de fungos, que são estruturas prejudiciais desde a floração até a colheita. Essa chuva, tanto no período de floração quanto de colheita, gerou uma perda aproximada de 80% da produção deste ano. Fora isso, foi necessário a construção de drenos para evitar o rompimento de represas e açudes, o que poderia provocar uma tragédia ainda maior.

O pecanicultor também pondera que, com essa perda de produção, houve necessidade de reduzir custos e revisar os manejos para o ano que vem. "Infelizmente não existe milagre. Claro que a renegociação com bancos para que ampliem alguns prazos de amortização é muito importante porque as estradas, cidades, consumidores gaúchos todos foram afetados por essa catástrofe", lembra. Jodimar acrescenta que, independentemente de cidades mais ou menos atingidas, o contexto todo é preocupante. "Então é necessário que os bancos, que já são parceiros, tenham essa visão de que, pelo menos, nesse período de 2024/2025 deve haver uma prorrogação de tudo o que eles esperavam receber, mas dentro das regras de mercado, por óbvio", conclui.

## Investimento em armazenagem pode reduzir perdas com intempéries

O pecanicultor e associado do IBPecan Lailor Garcia tem uma propriedade de 7 hectares na localidade de Porteira Sete, em Cachoeira do Sul. Garcia informou que já colheu 3 hectares que são os pomares produtivos. “Colhemos e já estamos com as nozes dentro de casa. Nosso problema, no momento, é a logística. Não temos acesso aqui no local devido às cheias dos rios e isso está nos dificultando um pouco em função do espaço para armazenar essa fruta. Em 3 hectares colhemos algo em torno de 5 mil quilos”, contabiliza.

Lailor informa que, fora isso, felizmente não teve grandes transtornos porque a água não atingiu seriamente a propriedade. No entanto, o pecanicultor mostrou preocupação com a questão da armazenagem da fruta. “Para o ano que vem precisamos providenciar espaço para que a gente possa beneficiar e armazenar a safra por mais dias em função de que a pecan é colhida nessa época em que a situação fica bastante crítica devido ao clima”, ressalta.

Outra questão levantada por Lailor Garcia é a necessidade de acesso a crédito com juros mais baixos para investimento. “O pequeno e o médio produtor, para produzir pecan, precisa ter uma renda fora da propriedade. Só com a renda da propriedade tu não consegue produzir e tecnificar um pomar de pecan”, constata.

A reivindicação do pecanicultor é o enquadramento junto ao Cadastro da Agricultura Familiar (CAF) para acesso a juros mais baixos visando o investimento em estrutura para beneficiamento e armazenagem da pecan. “Por ser uma cultura diferenciada e de longo prazo, os juros atuais se tornam praticamente inviáveis para investimento na parte estrutural do negócio. A gente consegue investir em alguma coisa, mas com recursos próprios na parte de tecnificação como irrigação e manejo. Já para investimentos mais robustos em estrutura é necessário um amparo maior do governo no sentido de juros diferenciados para a cultura da pecan, que é de longo prazo”, conclui.









## Pitol pode levar até quatro anos para se recuperar



Uma das agroindústrias pioneiras na pecanicultura no país, a Nozes Pitol, sofreu fortemente com as chuvas e enchentes que arrasaram o Rio Grando do Sul entre abril e maio. E tudo começou pouco depois que a propriedade sediou a 6ª Abertura Oficial da Colheita da Noz-Pecã. Aliás, foi na Pitol que a cerimônia foi realizada pela primeira vez.

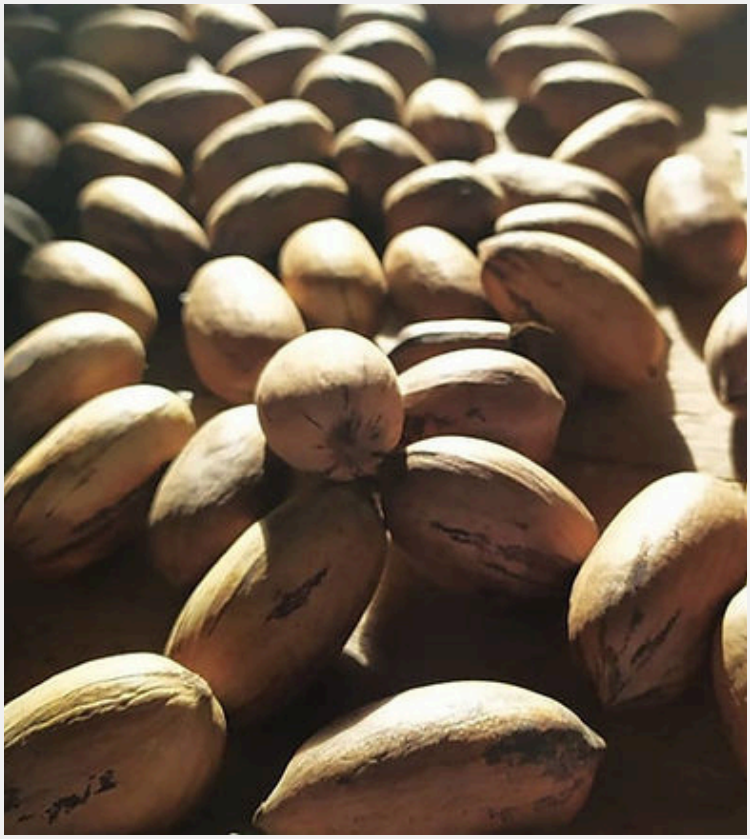
Depois de passado um mês da tragédia que destruiu cidades às margens do Rio Taquari e chegou à Capital e cidades da Região Metropolitana causando a maior enchente já registrada depois de 1941, um dos sócios do Grupo Pitol, Leandro Pitol, faz um balanço do que aconteceu na propriedade. Segundo ele, as perdas já iniciaram por conta das chuvas e do clima de setembro do ano passado, levando a estimativa de redução de 60% da produção de 2024. ”Deu muita chuva, o pomar não polinizou direito. Nós já tínhamos perdido 60%, na verdade, da safra. Com essa enchente agora, nós íamos colher de 30% a 40%,”, relata o produtor. Pitol calcula que perdeu praticamente 80% do que colheria. ”Então, o que eu vou dizer, deu muita chuva Muita água, muito temporal, e  toda essa chuva que deu, as nozes que já estavam prontas para serem colhidas, caíram no chão e a água levou.”,

Da produção, apenas foram colhidos 10%. A perspectiva era de uma colheita de 50 mil quilos, contudo, praticamente foram perdidos de 30 a 35 mil quilos por causa da falta de polinização. Dos 15 mil quilos que estimavam colher, os Pitol “colheram na verdade entre 4 a 5 mil quilos. “Mais mil quilos que a gente poderia ter colhido já está todo estragado por ficar muito tempo no chão, na terra”, relata. Sobre perdas com maquinário, o empresário diz que não houve danos. Na propriedade, uma pequena ponte que servia para cruzar sobre um riacho, foi levada pelas águas e encontrada no vizinho. A enchente também levou 60 nogueiras já com 15 anos.

A estimativa de Leandro Pitol é levar de três a quatro anos para se recuperar dos danos causados pela quebra da safra e das perdas da enchente. “A gente vai ter que ir atrás de investimento, de bancos, para tentar se recuperar. Essa perda da produção, imagina o que dará de valores para irmos atrás de produtos. Vai ser um período bem difícil”,

# SEQUESTRO DE CARBONO: AS NOGUEIRAS JÁ FAZEM SUA PARTE

*Engenheiro Florestal Tales Polleto*



Flutuações ambientais fora dos limites toleráveis serão cada vez mais frequentes à medida que o aquecimento global aumenta. A agricultura, por sua vez, é diretamente impactada, pois o desenvolvimento das culturas depende diretamente das condições climáticas. No que diz respeito à cultura da nogueira-pecã, viemos sob histórico de 3 anos de seca severa o que incorreu prejuízos consideráveis à produção, principalmente, quanto ao tamanho dos frutos.

Já neste último ciclo, a cultura foi impactada, primeiramente, pelas fortes chuvas no início do ciclo produtivo, prejudicando a polinização. Agora, na fase de colheita, um desmesurado evento climático tem trazido dificuldades, não somente para colher, como também, depreciando a qualidade dos frutos, ocasionando perdas de solo dos pomares que terão impactos nos próximos ciclos, dificuldades logísticas, estruturais, sociais entre outros.

Neste momento, os desafios para efetuarmos a colheita e a secagem imediata dos frutos, sem deixá-los cair no chão são maiores. A escassez de mão de obra rural, os solos encharcados, as estradas danificadas e os dias de chuva e alta umidade relativa, exigirá mais perspicácia e planejamento nesta fase tão importante para o pecanicultor.

Para os ciclos futuros, a ciência tem mostrado que a ocorrência de eventos climáticos extremos serão cada vez mais frequentes, os pecanicultores devem considerar essas previsões nos planejamentos de cada pomar. Promover a melhoria do solo, formar plantas mais resistentes ao rompimento de galhos, reforçar as instalações, construir sistema de irrigação, adquirir equipamentos mais automatizados poderão auxiliar muito o trabalho do pecanicultor. Por fim, lembremo-nos de que o principal fator para mitigar o efeito estufa e frear a ocorrência de desastres climáticos é pelo sequestro de carbono atmosférico. As nogueiras já estão fazendo a sua parte!




# IBPECAN CELEBRA ABERTURA DO MERCADO CHINÊS PARA A NOZ-PECÃ

*Governo brasileiro, em visita ao país, noticiou a liberação do governo da China*

Em meio às ações de levantamento de perdas e reconstrução de dezenas de unidades produtoras de pecan no Rio Grande do Sul, os pecanicultores podem pensar no futuro de forma mais positiva. Um dos pleitos do setor foi alcançado, com a liberação do mercado Chinês para a noz-pecã brasileira. A notícia foi dada pela comitiva brasileira que esteve no país.

O Instituto Brasileiro de Pecanicultura (IBPecan), divulgou que a produção mundial de noz-pecã é estimada em 320 mil toneladas e o Brasil, em 2023, produziu cerca de 7 mil toneladas, cerca de 2,2%. “A China é o maior importador de pecan com casca - cerca de 45 mil toneladas, abastecida pelo México, Estados Unidos e África do Sul. Agora, o Brasil estará participando deste mercado com a noz descascada. É uma maravilhosa notícia neste momento de tragédia climática”, celebra o presidente da entidade, Eduardo Basso.

Ele ressalta que este é o resultado de vários anos de tratativas que o Ministério da Agricultura e o Governo Brasileiro vêm realizando junto com as entidades dos produtores como Confederação Nacional da Agricultura (CNA), Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), IBPecan e Secretarias do Estado. “Nos traz esperanças e poder realizar sonhos de participar dos melhores mercados”, complementou.

O IBPecan informa, ainda, que o Brasil já tem uma área plantada de 10 mil hectares e que nos próximos 5 anos poderá chegar a 15 mil toneladas de produção e a metade disso deverá ser exportado. “Agora os produtores terão segurança em reconstruir seus pomares, pois parceiros Internacionais como a China, trazem segurança e futuro nas vendas futuras. Grande gratidão ao Governo Chines por assinar este acordo num momento delicado para nosso Estado”, desabafou.

Recentemente, a entidade encaminhou documento aos governo estadual e federal, com um balanço das perdas no Rio Grande do Sul após o evento climático. Cerca de 80% da produção prevista para 2024, que já seria inferior a de 2023, foi perdida. Os pecanicultores pedem R$ 260 milhões em linhas de crédito para reconstrução, compra de equipamentos e qualificação como forma de recompor as propriedades e indústrias da pecan.

